

Para além da ambivalência do significado da palavra famigerado

Felipe Oliveira de Paula (doutorando, UFMG)

Resumo: Pretende-se investigar como a ambivalência no conto “Famigerado”, de Guimarães Rosa, não se restringe ao significado da palavra famigerado, mas, partindo dela, é possível entender como aspectos opostos se tornam elementos estruturantes da narrativa, que, por sua vez, incorpora e problematiza as diversas ambiguidades geradas por certa modernização que chega a realidade do sertão brasileiro. Nota-se, portanto, que a linguagem e sua significação não podem ser compreendidas se desligadas dos fatores sociais e históricos, assim como a poética de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: famigerado, ambivalência, estrutura, modernização.

Abstract: This paper aims to investigate how the ambivalence in the tale “Famigerado”, by Guimarães Rosa, is not restrict to the meaning of the infamous word, but starting from it, it is possible to understand how opposite aspects became structural elements of the narrative, which, in turn, incorporates and discusses the various ambiguities generated by certain modernization that comes to the reality of the Brazilian backwoods. It is noted, therefore, that the language and its meaning can be not understood if disconnected from the social and historical factors, as well as the poetry of Guimarães Rosa.

Keywords: Infamous, Ambivalence, Structure, Modernization.

O conto “Famigerado” trata da história de um doutor que mora num tranquilo arraial do sertão mineiro. Responsável por essa versão, ele expõe o susto que passou ao perceber que Damázio, dos Siqueiras, homem “com dezenas de carregadas mortes”, bate à sua porta. O motivo de o jagunço andar seis léguas até encontrar o doutor é não saber a definição da palavra utilizada por um rapaz do Governo para classificá-lo, qual seja, famigerado. O narrador, homem letrado, sabe da ambivalência do significado contida na palavra e escolhe o mais adequado para situação: “importante, que merece louvor”. Feito isso, o doutor se vê livre de uma obrigação e, a um só tempo, satisfaz a curiosidade de Damázio, evitando um possível conflito entre o jagunço e o homem do Governo.

Nesse pequeno acontecimento é possível visualizar vários choques gerados pela modernização que estava chegando ao sertão¹: mundo letrado versus mundo iletrado, cidadão versus sertanejo, a força da retórica versus a força da arma, Lei abstrata versus

¹ A modernização do sertão pode ser vista como uma chave interpretativa de *Primeiras estórias*, conforme demonstrado por Maria Luiza Ramos (1991), José Miguel Wisnik (2002), Ana Paula Pacheco (2006).

norma concreta. Esses conflitos, que não são raros na obra de Guimarães Rosa, aparecem no conto de maneira condensada, de tal modo que para tentar alcançar uma interpretação que englobe visões aparentemente opostas, sem que uma anule a outra, é aconselhável uma leitura privilegiando também os pormenores do texto literário. Pensando nisso, num primeiro momento mostrarei uma análise sobre o texto que ressalta a astúcia do narrador-doutor em solucionar o impasse sem que ele sofra consequências físicas. Noutro, tendo como base inicial um pequeno artigo de Luís Bueno (2014), interpretarei Damázio como a principal personagem do conto, exatamente por ser também muito perspicaz e utilizar toda sua experiência de vida para conseguir com o doutor a resposta que lhe interessa. As exposições servirão de embasamento para demonstrar que a ambivalência pode ser vista não só no significado da palavra *famigerado*, mas, o mais importante, como elemento estruturante do conto. Partindo disso, noutro passo, é possível ir além e entender a incorporação e problematização de aspectos opostos como traço constituinte da realidade sertaneja moderna e da poética de Guimarães Rosa.

É sabido que a palavra “*famigerado*” pode ser lida como: 1. Homem notável, célebre, famoso. 2. Homem mal-afamado, criminoso, suspeito. Quando o doutor está diante do matador, e entende o que está acontecendo, instaura-se nele certa perplexidade por não saber inicialmente qual definição escolher. “A pergunta é uma arma carregada de ameaça” (WISNICK, 2002, p.180). O narrador sabe que não pode se equiparar ao jagunço nem tampouco tentar enfrentá-lo com as mesmas armas: “Senti que não me ficava útil dar a cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingão no i, ele me dissolvia” (ROSA, 2008, p.14). A alternativa que se mostra mais eficaz para o narrador é tentar se sobressair no ponto fraco do jagunço, que é o seu forte: o conhecimento formal da língua portuguesa. Sendo uma pessoa do mundo letrado, o doutor compreende que a ambivalência do significado deve ter sua significação no contexto entre os falantes e envolve mais do que apenas a pronúncia da palavra. No entanto, ele não está em condições favoráveis para tentar explicar essa peculiaridade da língua ao matador ou para dizer a verdade sobre a intenção do moço do Governo. Há uma violência implícita com risco real de represália. Até mesmo porque o rapaz do Governo, assim como o doutor, são dois “estrangeiros” que representam o início de um tipo de modernização que chegava ao sertão; mesmo que eles tenham funções distintas.

A astúcia do narrador-doutor está presente já na sua primeira resposta quando tenta não tomar partido da situação: “- *Famigerado* é inóxico, é célebre, notório, notável”

(ROSA, 2008, p.17). Decidido, porém, Damázio não sairia dali sem uma definição clara e repete a pergunta, mas logo ouve outra indefinição: “- Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos”. Percebendo que esta artimanha não resolveria o impasse, e caso insistisse nessa neutralidade poderia ser pior, o letrado opta por uma solução dizendo a verdade morta do dicionário, escondendo a vivacidade da língua que, nesta situação, poderia valer uma vida (a sua ou a do rapaz do Governo). Após uma resposta caracterizando o matador como pessoa importante, o doutor ainda ironiza: “- Olhe: eu, como o sr. me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora desta era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!...” (ROSA, 2008, p.17). Fica evidente para o leitor a ironia gerada pelo afrontamento ao jagunço sem que este a perceba, já que se o letrado fosse um famigerado não passaria por uma situação constrangedora como essa. Através do jogo da astúcia se estabelece um “chiste de duplo sentido”. O que pode ser observado na fala de Ana Paula Pacheco:

O chiste significa aqui uma vitória, por *linhas tortas*, sobre o outro que atemoriza o doutor; vingança do riso sobre o medo: ao contar o ocorrido, o narrador domina definitivamente o jagunço, fazendo dele objeto de derrisão, para um terceiro (o leitor) e descarregando (como queria Freud) a tensão gerada (PACHECO, 2006, p.75).

O chiste é, assim, irônico porque o jogo com a palavra esconde para o jagunço e desvenda para o leitor. Na linha de raciocínio de Ana Paulo Pacheco, a situação permitiu a vitória do letrado e fez o interrogante de bobo, “tese para alto rir”. Brincar com os dois significados da palavra parece “algo menos ingênuo do que o mero prazer de dizer de modo cifrado o que não poderia [dizer] às claras (afinal, mesmo narrar o caso já é redobrar o feito)” (PACHECO, 2006, p. 77). O letrado é quem comanda e define o desfecho de determinado mal entendido em pleno território em que o poder público não tem autoridade.

Numa primeira leitura percebe-se uma narrativa configurada para que a habilidade do doutor com as palavras se sobressaia diante de uma situação tensa e com grande risco de morte. A ironia fica mais viva quando a palavra se torna uma arma em um ambiente onde sua complexidade não é explorada, “uma fala só lâmina”², e é intensificada pela impossibilidade de uma definição taxativa que a situação exige. Essa indeterminação é comum na obra de Guimarães Rosa, tal como acontece com Riobaldo, em *Grande Sertão: veredas* (2006), ao refletir sobre as várias respostas para uma dúvida, por exemplo: as incertezas, ou as várias certezas, sobre a existência de Deus.

² Título do recente livro de Antonio Carlos Secchin (2014) sobre João Cabral de Melo Neto e utilizado aqui livremente, isto é, sem relação direta com a argumentação defendida pelo acadêmico ao analisar a obra cabralina.

Procurando se convencer sobre a não existência concreta do demônio, Riobaldo considera que “o diabo vige dentro do homem” (ROSA, 2006, p.10), tentando, assim, criar uma justificativa que impeça de ver o “Tinhoso” como “cidadão” empírico; raciocínio que tem supostamente o consentimento do doutor que o ouve. Contudo, essa garantia pode ser relativizada quando pensamos no episódio em que o jagunço vai até a encruzilhada para se encontrar pessoalmente com o demo: “Ele tinha que vir, se existisse. Naquela hora, existia. Tinha de vir, demorão ou jájão. Mas, em que forma? Chão de encruzilhada é posse dele, espojeiro de bestas na poeira rolarem. De repente, com um catrapus de sinal, ou momenteiro com o silêncio das astúcias, ele podia se surgir para mim. Feito o Bode-Preto?” (ROSA, 2006, p. 420). Apesar de não podermos afirmar que houve um contato físico entre eles, é perceptível que naquele momento o protagonista acredita nessa possibilidade. Com efeito, visualiza-se a duplicidade de opinião sobre a existência do demo, como pode perceber na citação acima a afirmativa vem sempre acompanhada de uma interrogação, o que dificulta elipsar uma das opiniões. No final das contas, o narrador não conclui se o diabo existe ou não existe, ou melhor, para ele, o diabo vive e não vive. Esse tipo de reflexão, que não esgota a questão com um simples sim ou um simples não, se apresenta como característica própria do narrador moderno rosiano. A assimilação dessa relatividade à própria estrutura da obra faz parte de uma estética capaz de incorporar o estado de fluxo e insegurança de Riobaldo e do homem ocidental moderno.

Voltando ao conto “Famigerado”, a astúcia do doutor pode ser vista não só na solução encontrada para a situação, como na capacidade de criar em sua narração uma atmosfera favorável para que ele se saia como vitorioso para o leitor. Já no primeiro parágrafo o narrador demonstra sua habilidade em explorar os sentidos das palavras: “Foi de incerta feita – o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela” (ROSA, 2008, p.13). O significado de tropel é ruído do andar ou do correr de muita gente ou de animais. A primeira imagem que vem à mente é uma grande quantidade de cavalo e cavaleiros chegando. Tal percepção pode ser corroborada com a seguinte frase: “Um grupo de cavaleiros”. No entanto, continuando a leitura fica evidente que são apenas quatro cavalos, sendo que três cavaleiros se mostraram, ao longo do conto, muito discretos. A sagacidade está em considerar o barulho de quatro cavalos um tropel, o que, de fato, não está incorreto, mas sugere algo maior do que é. Mais à frente, quando informa sobre os sertanejos que acompanhavam Damázio, o narrador faz questão de mostrar que são prisioneiros e não seguidores do famigerado.

Só esta explicação já nos levaria facilmente a concluir a braveza do jagunço que sozinho domina três homens. No entanto, o doutor faz questão de destacar esta característica adiantando uma conclusão: “Os três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na escuma do bofe” (ROSA, 2008, p.14). Ao ressaltar o poder do jagunço, num proporção inversa, ele está chamando atenção para sua saída ileso do “problema”, isto é, quanto mais ele demonstra um ambiente repressivo, e quanto mais evidentes ficam as maldades do jagunço, mais é valorizada a perspicácia do doutor diante desse impasse. De fato, o letrado teve muito mérito e soube se sair muito bem. Tudo por causa de sua arma retórica.

No entanto, por outro lado, é possível fazer uma leitura que valoriza a sabedoria do jagunço, uma vez que ele, consciente de sua força e de seu ponto fraco, não enfrenta o doutor com as armas da retórica. Para Luís Bueno, a lacuna que existe entre o título de *Primeiras estórias* e *Terceiras estórias* (1967) é aparente, pois os contos que compõem aquele volume são configurados de maneira que se perceba neles as **segundas** estórias. Tal como esclarece o crítico: “A particularidade de *Primeiras estórias* é a de que ele pode ser lido inteiramente assim, ou seja, a de que esse [segundas estórias] é um elemento de composição que está no centro dos contos ali reunidos” (BUENO, 2014, p.149). A primeira estória de “Famigerado” aborda, portanto, a vitória da letra sobre as armas, do esclarecimento sobre o obscurantismo, do moderno sobre o arcaico. A segunda estória problematiza essa visão e mostra o inverso, pois quem conduz as ações narradas é o jagunço e não o doutor. Essa leitura surge a partir de certo “embaralhamento de perspectivas” que acontece pelo “jogo constante das aparências, e não só delas e daquilo que elas querem revelar, como também daquilo que elas, a sua revelia, revelam no final das contas” (BUENO, 2014, p.149).

Como deixa evidente o próprio narrador, suas atitudes diante do jagunço estão carregadas de medo: “O medo é a extrema ignorância em momento agudo. O medo O. O medo me miava” (ROSA, 2008, p.14). Tal sentimento faz com que o narrador tenha dúvidas em relação ao comportamento do jagunço. Mas as incertezas do doutor não são suficientes para que pensemos o jagunço como dominador da situação, visto que o médico se firmou quando teve possibilidade de manejar sua retórica, ou seja, de lutar com sua arma. O que caracteriza a “vitória” do jagunço é, principalmente, sua imposição ao ritmo dos acontecimentos. Ele se apresenta calmamente como dos Siqueiras, o que funciona como certa “carteirada”, mostrando para quem trabalha e quais são suas habilidades. Ao se identificar, ele confirma certa suposição do narrador,

mas, ainda assim, permanece a dúvida, “o que ele está fazendo aqui?”. Logo em seguida, Damázio começa a dizer o motivo que o levou até a casa do doutor, no entanto, essa explicação se dá de maneira cortada e inconclusa. Após um intervalo proposital, o qual intensifica a curiosidade e favorece um ambiente de tensão, o jagunço faz a pergunta como um tiro.

O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São Ão, travados assuntos, inseqüentes, como dificuldade. A conversa era para teias de aranha. Eu tinha de entender-lhe as mínimas entonações, seguir seus propósitos e silêncios. Assim no fechar-se com o jogo, sonso, no me iludir, ele enigmava. **E pá:**

- Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmigerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... familias-gerado...?* (ROSA, 2008, p.16, grifo negro nosso).

O fato da pergunta ter sido feita tão abruptamente não significa que a resposta tenha que seguir o mesmo modo, o que pode ser comprovado quando o jagunço deixa o doutor pensativo e a definição suspensa ao explicar por que andou seis léguas, a saber: não há nas redondezas um letrado que possa fornecer resposta segura, o único que domina a linguagem na região é o padre do São Ão, mas, para o jagunço, os párocos “engambelam”. Percebe-se aqui certa problematização entre ciência (doutor) e religião (padre), e esta não é buscada pelo matador porque provavelmente ele não ouviria o que deseja. Caso o clérigo afirmasse algo indesejado, ele teria que tomar uma atitude radical, o que não pretendia; ainda mais envolvendo um padre. Essa talvez seja uma explicação para ter cavalgado por tanto tempo. Passar o dia em cima do cavalo simboliza um caminhar do iletrado ao mundo letrado, desde que este o favoreça. A ciência entra no sertão conforme as aberturas concedidas pelos sertanejos e não a partir de exigências postas pelos doutores, os quais, antes, precisam de autorização para atuar. Esta ameaça está disseminada em toda descrição da ocorrência. Voltemos a elas. A suspensão da resposta é uma estratégia do jagunço para permitir ao doutor se conscientizar da dificuldade que tem à frente, como ele próprio diz:

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato (ROSA, 2008, p.16).

O modo que o narrador percebe a situação e o matador é muito importante para criar uma atmosfera de dominação do jagunço, notando que, neste caso, o iletrado não se utiliza da palavra. Elencamos alguns comentários: “aquele propunha sangue”; “sua máxima violência podia ser para cada momento”; “E já me olhava, interpelador, intimativo – apertava-me”; “Eu tinha que entender-lhe as mínimas entonações, seguir

seus propósitos e silêncios”. O doutor não deixa claro em sua narração que tem ciência que está sendo manipulado pelo jagunço, de modo que esse movimento muito silencioso pode demonstrar que “Damázio talvez deseje ser enganado e talvez provoque esse engano” (BUENO, 2014, p.159). Neste sentido, a ética moderna, cuja impessoalidade é o emblema, “entra” no sertão na medida em que preserva certa autonomia da ética do jagunço. O moço do Governo pode chamá-lo de famigerado desde que essa palavra seja significada para valorizar suas atitudes. Lembrando que existe realmente certo prestígio entre os sertanejos de homem valente, corajoso, nas atividades desempenhadas pelos matadores.

Num sertão em que Damázio é um famigerado, no duplo sentido da palavra, nada o impediria de matar o rapaz, caso essa palavra tenha sido utilizada para difamá-lo. No entanto, o jagunço está “em fim de carreira” e procurando sossego, como ele próprio diz: “- Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Cá eu não quero questão com o Governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado” (ROSA, 2008, p.15). “Esmiolado” pode ser lido aqui como uma falta de discernimento por afrontar o matador no seu ambiente. Desse modo, a função de procurar o doutor não é colocar às claras a situação e ter motivo para matar o rapaz, mas, ao contrário, “a de encontrar justificativa para não matar o moço do governo e ainda assim não perder o estatuto de valentão que lhe garantia o sustento e a posição social” (BUENO, 2014, p.161). Por tudo isso, Damázio também é muito astuto e engenhoso, uma vez que ele cavalga léguas para induzir o doutor a dizer o que ele espera ouvir.

Enquanto o doutor tem o conhecimento formal, o jagunço se sobressai pela sapiência, de tal modo que analfabetismo não significa apenas uma carência, mas por outro lado “uma virtude e um privilégio”. Nesse encontro entre letrado e iletrado, “o saber se encontra do lado mais inesperado: não dominar a linguagem, não saber utilizá-la, é devolvê-la à sua verdade e à sua vocação mais primitiva” (PRADO JR., 1985, p.196). A sabedoria do jagunço não está apenas na acertada utilização das armas de fogo, mas em sua vivência que o faz entender ser, no momento, mais proveitosa a criação de ambiente ameaçador do que a utilização efetiva das balas.

Esse tipo de pensamento não pode, contudo, nos levar ao outro extremo e nos induzir a ideia de que apenas o jagunço, por não conhecer a língua e conseqüentemente não “aprisioná-la”, sai “vencedor”, como sugere Bento Prado Jr (1985). É mais interessante ler as duas estórias no “Famigerado” como configuração complexa que expõe distintos valores e assimilações culturais, sem elidir nenhum deles, sem

sobrevalorizar um em detrimento do outro, tampouco aceitar um como norma e outro como desvio. Existe a coexistência de duas interpretações opostas e possíveis sobre o conflito entre doutor letrado e jagunço iletrado, assim como há para o significado da palavra famigerado. A lógica moderna que está sendo implantada no sertão se adapta e é obrigada a conviver com uma lógica distinta, a do mandonismo. Como sucede, por exemplo, com a força policial nas vilas poucos populosas do Brasil, possível apenas se estivesse vinculada ao mandatário local³.

A palavra que condensa as discussões do conto é tão ambivalente quanto à realidade na qual ela é utilizada. Guimarães Rosa questiona o estabelecido através da “reversibilidade”⁴ de sentido da palavra famigerado. Ao escolher uma “palavra-farmacô”, conforme termo de Sigmund Freud, que contém em si o veneno e o antídoto, ele põe em foco a sua significação, mostrando que a língua, assim como a realidade, não é utilizada em suas obras como instrumento pronto ou neutro. Percebe-se, com Davi Arrigucci Jr. (1994, p.11), uma poderosa “vontade de estilo”, pois o escritor tudo molda ou remolda conforme “a necessidade de expressão que não se satisfaz jamais com o código expressivo herdado, o lugar-comum, a forma tradicional”. Isso tudo porque o sertão brasileiro e o de Guimarães Rosa não são “um lugar comum”.

Esse é um movimento sócio-histórico que se configura muito aos poucos nas regiões distantes do sudeste brasileiro. Damázio capta esse momento de mudanças e sugere com uma formulação menos acadêmica: “Sei lá, às vezes o melhor mesmo, para esse moço do Governo, era ir embora, sei não...” (ROSA, 2008, p.17/18). Depois que o Governo se instalou no sertão, sempre tem alguém o representando, criando uma instabilidade e certo cerceamento de um poder baseado em normas próprias do lugar. Essa falta de estabilidade não é diferente com o doutor moderno que sabe de sua situação diante de uma violência eminente por parte dos damázios daquela região.

Lido dessa forma, *Primeiras estórias* se revela uma representação do processo de modernização brasileiro em sua integridade, uma convivência de arcaico e de moderno ensaia uma síntese específica, brasileira, diferente da vivida em outras partes. Em nenhum lugar os valores modernos simplesmente substituem os valores arcaicos, antes convivem com eles e mesmo sobre eles se apoiam em contradição constante. No Brasil, essa contradição terá feição específica e profunda, que este livro figura com grande complexidade (BUENO, 2014, p. 163).

Essa explicação pode ser formulada sinteticamente da seguinte maneira: não se trata de avaliar positiva ou negativamente a suposta passagem do arcaico para o

³ Para aprofundar sobre o processo de instauração da polícia no sertão brasileiro, ver José Murilo de Carvalho (1998).

⁴ Noção de Antonio Candido (2006) desenvolvida em sua interpretação sobre *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa em “O homem dos avessos”.

moderno, mas enxergar a existência de um no/e outro, sem eliminação total de uma das partes, mas adequação dialética delas.

Outra característica moderna na obra rosiana, em específico no conto “Famigerado”, é a capacidade de acessar o outro ao “construir a figuração do mundo iletrado pelo mundo letrado de forma que ambos permaneçam íntegros, em sua grandeza e em suas limitações e mesquinhez” (BUENO, 2014, p.163). Essa visão moderna é formalmente construída também quando o narrador zomba o sertanejo pela sua falta de habilidade em lidar com a modernização que lhe chega, a Escritura. Essa crítica volta para o doutor por causa da sua incapacidade de entender Damázio e a comunidade que o cerca fora de uma lógica convencional e preconceituosa. Estabelece-se, assim, uma ironia formal. Analisar um indivíduo com parâmetros pré-estabelecidos é cair no mesmo erro que firmar um sentido da palavra famigerado sem que se saiba o contexto dos interlocutores. Em ambos os casos é preciso ver a origem, o posicionamento de classe, ambiente etc., e não simplesmente o ato isolado.

Essa brincadeira “séria” com as aparências, neste caso advinda da ambivalência do significado da palavra famigerado, é um elemento estruturante da obra rosiana. É possível ler as narrativas para além de sua superficialidade percebendo por trás do jogo problematizações sobre a literatura. Considerando que “literatura é vida condensada”, então, o pôr em cheque a maneira de utilizar a linguagem e de se fazer literatura pressupõe questionar modos de ver a vida. Podemos dizer que em Guimarães Rosa instaura-se um estilo de choque, qual seja: a partir do impacto de sua linguagem somos impulsionados a não nos restringir ao aparente; caso assim seja feito não adentramos na complexidade de seus textos. Não considerar, pois, que existe algo a mais do que o que está na aparência é reduzir tudo a aparência (ADORNO, 2009).

Referências Bibliográficas

ADORNO, *Dialética negativa*. Tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

ARRIGUCCI JR., Davi. As formas misturadas. *Novos Estudos*. São Paulo: CEBRAP, n. 93, julho de 2012, p. 7-29.

BUENO, Luís. Segundas estórias: uma outra leitura de “Famigerado”. *O eixo e a roda: revista de literatura brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, v.23, n.1, p. 147-164, 2014.

CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”, In: *Tese e antítese*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 111-130.

CARVALHO, José Murilo. Bordados: Primeira República. In: _____. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. p. 15-306.

PACHECO, Ana Paula. Desrazões da letra (“Famigerado”). In: *Lugar do mito: narrativa e processo social nas Primeiras estórias de Guimarães Rosa*. São Paulo: Nankim, 2006, p.71-79.

PRADO JR., Bento. O destino decifrado. In: *Alguns ensaios: Filosofia, Literatura, Psicanálise*. São Paulo: Max Limonada, 1985.

RAMOS, Maria Luiza. Análise estrutural de “Primeiras estórias”, in: COUTINHO, Eduardo (org.). *Guimarães Rosa*. Coleção Fortuna Crítica 6. 2ª ed. Rio de Janeiro, INL/Civilização Brasileira, 1991, p. 514 – 519.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 1 ed. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

WISNIK, José Miguel. O Famigerado. *Scripta*. Belo Horizonte: PUC Minas, v.5, n.10, p. 177- 198, 1º sem., 2002.